NACHMANOVITCH, Stephen. Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte. São Paulo: Summus, 1993. 189p.

A Criação Compartilhada

São necessários dois para se conhecer a unidade.
GREGORY BATESON

A beleza de tocar junto com alguém é a possibilidade de encontrar a unidade. É surpreendente a freqüência com que dois músicos de formação e escolas diferentes se encontram e, antes de trocar duas palavras, começam a improvisar, revelando uma totalidade, uma estrutura e uma perfeita comunicação.

Toco com um parceiro; ouvimos um ao outro, espelhamos um ao outro, estamos conectados com aquilo que ouvimos. Ele não sabe para onde estou indo, eu não sei para onde ele está indo, e no entanto prevemos o que o outro vai fazer, sentimos, conduzimos e seguimos um ao outro. Não há uma estrutura preestabelecida, mas, depois de cinco segundos tocando juntos, passa a existir uma estrutura, porque demos início a alguma coisa. Um abre a mente do outro como uma série infinita de caixas chinesas. Uma misteriosa comunicação flui de um para o outro com maior rapidez do que qualquer sinal que pudéssemos passar através do olhar ou do som. A música não nasce de um ou de outro, embora nossas idiossincrasias e nossos estilos, os sintomas de nossa natureza original, continuem exercendo a sua influência. A música também não nasce de um compromisso entre nós ou de um meio-termo (a média é sempre uma coisa tediosa!), mas de um terceiro elemento, que não é necessariamente igual ao que um ou outro de nós faria individualmente. O que brota é uma revelação para nós dois. Um terceiro estilo, totalmente novo, nos supera. É como se tivéssemos nos tornado um organismo grupal que tem uma natureza própria e um peculiar modo de ser, um elemento único e imprevisível, que é a personalidade ou o cérebro grupal.

Afirmamos anteriormente que a fala cotidiana é um exemplo de improvisação. Mais do que isso, é uma improvisação compartilhada. Conhecemos alguém e juntos criamos uma linguagem. Há uma

troca de sentimentos e de informações entre nós, um intercâmbio requintadamente coordenado. Quando a conversa flui, mais uma vez não é uma questão de meio-termo, mas de desenvolver algo novo para ambos os interlocutores.

Alguns trabalhos são grandes demais para que possamos dar conta deles sozinhos, ou simplesmente é mais divertido realizá-los com amigos. Qualquer que seja o caso, isso nos leva ao fértil e desafiador campo da colaboração. Quando trabalham juntos, os artistas exploram um outro aspecto do poder dos limites. Existe uma outra personalidade e um outro estilo que precisam ser absorvidos e contidos. Cada colaborador traz para o trabalho um conjunto diferente de forças e resistências. Cada um proporciona ao outro irritação e inspiração — o grão de areia com que ambos produzirão uma pérola.

Precisamos lembrar uma coisa óbvia, que no entanto nunca é demais reafirmar: personalidades diferentes têm estilos criativos diferentes. Não existe uma única idéia de criatividade capaz de descrevê-la na sua totalidade. Portanto, como em qualquer relacionamento, quando colaboramos com outros construímos um ser maior, uma criatividade mais versátil.

Isso nos reconduz à lei da variedade necessária de que já falamos anteriormente. Quando cruzamos duas identidades, multiplicamos a variedade de todo o sistema, e ao mesmo tempo cada identidade atua como um controle sobre a outra e como um estímulo ao desenvolvimento do sistema como um todo. É por isso que a reprodução sexual surgiu tão cedo na história da vida sobre a Terra. Devido ao cruzamento ou à mistura de dois conjuntos de genes diferentes, a ambivalência, a mutação e conseqüentemente a plena riqueza da evolução se tornaram possíveis. Se assim não fosse, a evolução teria ocorrido, mas de uma maneira terrivelmente enfadonha. Ainda seríamos protozoários ou fungos, reproduzindo por mitose a mesma e tediosa cópia genética durante séculos e séculos.

Uma vantagem da colaboração é que é muito mais fácil aprender com alguém do que sozinho. E a inércia, um dos maiores bloqueios que ocorrem no trabalho solitário, praticamente não existe: A libera a energia de B e B libera a energia de A. A informação flui e se multiplica facilmente. O aprendizado se torna multifacetado, uma força renovadora e revitalizante.

E, naturalmente, os amigos têm um poder incalculável, mesmo que não sejam nossos colaboradores. Por meio da conversa, do apoio, do conforto, do humor e do *feedback*, ou até mesmo do desafio, da crítica e da oposição que nos oferecem, eles são o mais perfeito eliminador de bloqueios. Existe um vasto universo de intercâmbios, mão só com os amigos íntimos que nos amam, mas também com pessoas

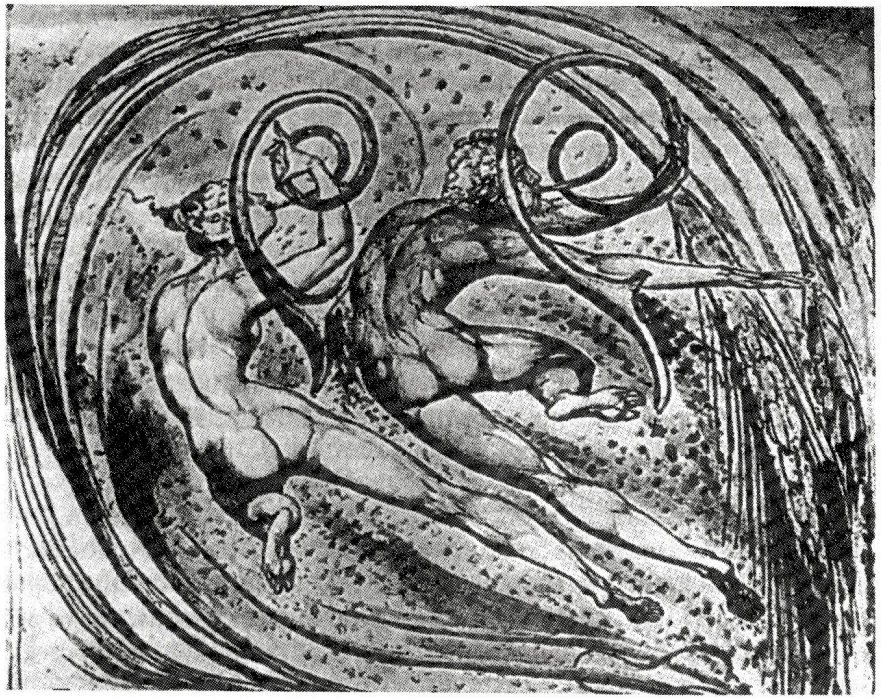
que às vezes nem conhecemos bem e que no entanto surgem para lançar em nosso ouvido a informação certa no momento certo (ou lembrar-nos de alguma que já sabíamos mas havíamos esquecido). Lembro-me, de repente, da pequena loja de discos pintada de verde que visitei quando tinha catorze anos e do vendedor inglês que me chamou com um ar de mistério, me estendeu um antigo disco das suítes para *cello* de Bach e disse: "Por falar nisso, você já ouviu falar do grande Pablo Casals?".

E há ainda aqueles extraordinários irmãos espirituais que aparecem uma ou duas vezes em nossa vida e que possuem uma profunda percepção de quem somos e do que somos capazes de nos tornar — amigos que chamamos de mestres, capazes de mudar irrevogavelmente nossa vida com umas poucas palavras. Às vezes, palavras tão simples como: "Alguma coisa está faltando!".

Além das surpresas estéticas que podemos encontrar na exploração de nosso ofício, vivemos em comunidade e reagimos uns aos outros graças à capacidade de *ouvir*, *observar* e *sentir*. A realidade compartilhada que criamos nos oferece mais surpresas do que nosso trabalho individual. Quando tocamos com outras pessoas, existe um risco real de cacofonia, cujo antídoto é a disciplina. Mas não precisa ser a disciplina do "vamos estabelecer uma estrutura de antemão". Trata-se da disciplina da mútua consideração, da consciência do outro, de saber ouvir o outro e da disposição para a sutileza. Confiar no outro envolve enormes riscos, o que nos leva à tarefa ainda mais desafiadora de aprender a confiar em nós mesmos. Desistir de algum controle em favor de outra pessoa nos ensina a desistir de algum controle em favor do inconsciente.

A livre colaboração entre músicos é apenas uma das muitas possibilidades de intercâmbio estético. A colaboração intermídias enriquece igualmente a vida de poetas, artistas plásticos, bailarinos, atores, cineastas e muitos outros artistas. As combinações e permutas são infinitas, e novas tecnologias estão tornando infinitamente mais exeqüível o velho sonho da arte multimídia. Vivemos numa época em que os multiformes mundos da música e da arte estão começando a se encontrar, a se misturar e a criar espécies totalmente novas. Uma ponte está sendo lançada entre todos os tipos de arte: entre o oriental e o ocidental, entre o popular e o clássico, entre a improvisação e a composição rigidamente estruturada; o vídeo se junta ao sintetizador digital, que se junta ao monocórdio de Pitágoras, que se junta à dança-teatro balinesa. Culturas inteiras se expressam juntas, uma colaborando com a outra, uma fertilizando a outra.

Nos anos 60, minha amiga Rachel Rosenthal criou em Los Angeles um grupo permanente de improvisação, o Instant Theater, no



qual o espetáculo teatral como um todo, inclusive os figurinos, os cenários e a iluminação, era fruto de improvisação coletiva. Os refletores se moviam e os atores os seguiam, em mútua ação e reação, num clima de confiança mútua. Pessoas que falam línguas diferentes, com técnicas diferentes e provenientes de escolas diferentes, podem representar juntas e criar um teatro vivo e total. Esse tipo de inter-relação na expressão artística sempre ocorreu entre amigos, embora geralmente não haja um elemento concreto pelo qual o evento possa ser lembrado posteriormente. O que chega até nós (e não importa se vêm da semana anterior ou de cinco séculos atrás) são excitantes rumores, como o de que Leonardo da Vinci e seus amigos se reuniam na corte de Milão para apresentar óperas inteiras em que a música, o libreto e a encenação eram criados espontaneamente durante a apresentação.[30]

A colaboração artística pode percorrer toda uma escala, desde uma hierarquia totalmente estruturada, como por exemplo a de uma equipe de cinema que trabalha a partir de um roteiro, até um grupo de artistas performáticos que, não tendo um diretor, partilham a responsabilidade por tudo o que acontece no espetáculo.

A livre improvisação coletiva nas artes performáticas, na música, na dança e no teatro nos convida a participar de formas inteiramente novas de relacionamento humano e de harmonias recém-criadas, em que a estrutura, a linguagem e as regras não são ditadas por uma autoridade, mas criadas pelos participantes. O fazer artístico compartilhado é, em e por si mesmo, a expressão, o veículo e a força motriz dos relacionamentos humanos. Na expressão conjunta, os participantes constroem uma sociedade à parte e toda própria. Proporcionando um relacionamento direto entre as pessoas, sem qualquer outro intermediário a não ser a imaginação de cada um, a improvisação em grupo atua como um catalizador de amizades fortes e especiais. Existe uma intimidade que não pode ser alcançada com palavras ou deliberação, uma intimidade que lembra a sutil, rica e instantânea comunicação entre dois amantes.

Existe um fenômeno chamado sincronismo, que é a conjugação de dois ou mais sistemas rítmicos numa só pulsação. Se vários operários estão martelando numa construção, depois de cinco minutos eles entram no mesmo ritmo sem qualquer comunicação explícita. Da mesma forma, o ritmo fisiológico de um corpo entra em ressonância com o de outro corpo; até mesmo osciladores eletrônicos que operem muito próximos da mesma freqüência entram em sincronismo. É o sincronismo que provoca os estados de transe nas danças dos sufis. Na improvisação coletiva, os participantes podem contar com esse fenômeno



natural para respirar juntos, pulsar juntos, pensar juntos.

No sincronismo, as vozes não estão rigidamente presas umas às outras; estão sempre escapando ligeiramente e voltando a encontrar-se em micromomentos de tempo. A perfeita harmonia pode ser um êxtase ou um tédio absoluto. É essa oscilação, esse vaivém, que a torna excitante.

Podemos experimentar esse fenômeno mesmo sem estarmos tocando, dançando ou representando em grupo. Para um escritor, por exemplo, as bibliotecas são ótimos lugares para se trabalhar, porque, embora as pessoas que nos cercam sejam totalmente estranhas e cada uma esteja fazendo o seu trabalho, o ritmo silencioso de pessoas trabalhando juntas aumenta a energia de cada uma para o trabalho. Sentimos que o sincronismo reforça nossa concentração e nosso compromisso de estar no trabalho. Para alguém que está aprendendo a meditar, sentar-se de pernas cruzadas durante meia hora em silêncio e perfeita calma pode ser uma prova difícil para o sistema nervoso. Mas, num grupo de meditação coletiva, fica muito mais fácil vencer o desafio físico e espiritual.

O sincronismo conduz a uma unidade entre os artistas, e entre eles e a platéia. Um bom hipnotizador lhe dirá que será muito mais fácil levar uma pessoa ao transe se você estiver atento à respiração dela e ajustar o ritmo e o tom de suas palavras ao ritmo e ao tom da respiração. É exatamente isso que faz um músico que está improvisando para uma platéia: aprende a detectar e amplificar a respiração coletiva, que, à medida que a experiência prossegue, se torna cada vez mais sincronizada e profunda. Existe na sala uma qualidade de energia que é muito pessoal e particular daquelas pessoas, daquela sala, daquele momento. Como no caso do controle das reações corporais autônomas por *biofeedback*, não sabemos bem como isso acontece, mas a verdade é que acontece.

Nesses momentos, os seres individuais dos artistas e do público *desaparecem*, e uma espécie de secreta cumplicidade se estabelece entre nós. Captamos um brilho especial nos olhos de cada um dos outros e nos sentimos um só ser. Nossas mentes e nossos corações vibram no mesmo ritmo. É mais provável que isso aconteça em apresentações informais, onde não haja separação entre palco e platéia que imponha uma divisão entre artistas ativos e espectadores passivos. Por meio desse sincronismo sutil mas poderoso, a platéia, o ambiente e os artistas se unem num todo que tem uma organização própria. Até os cães presentes na sala entram em sincronismo. Descobrimos juntos e ao mesmo tempo o clima rítmico e emocional da cena que se desenrola. Os limites de pele se tornam permeáveis, portanto irrelevantes; os artistas, a platéia, os instrumentos, a sala, a noite lá fora, o espaço se tornam um só ser pulsante.